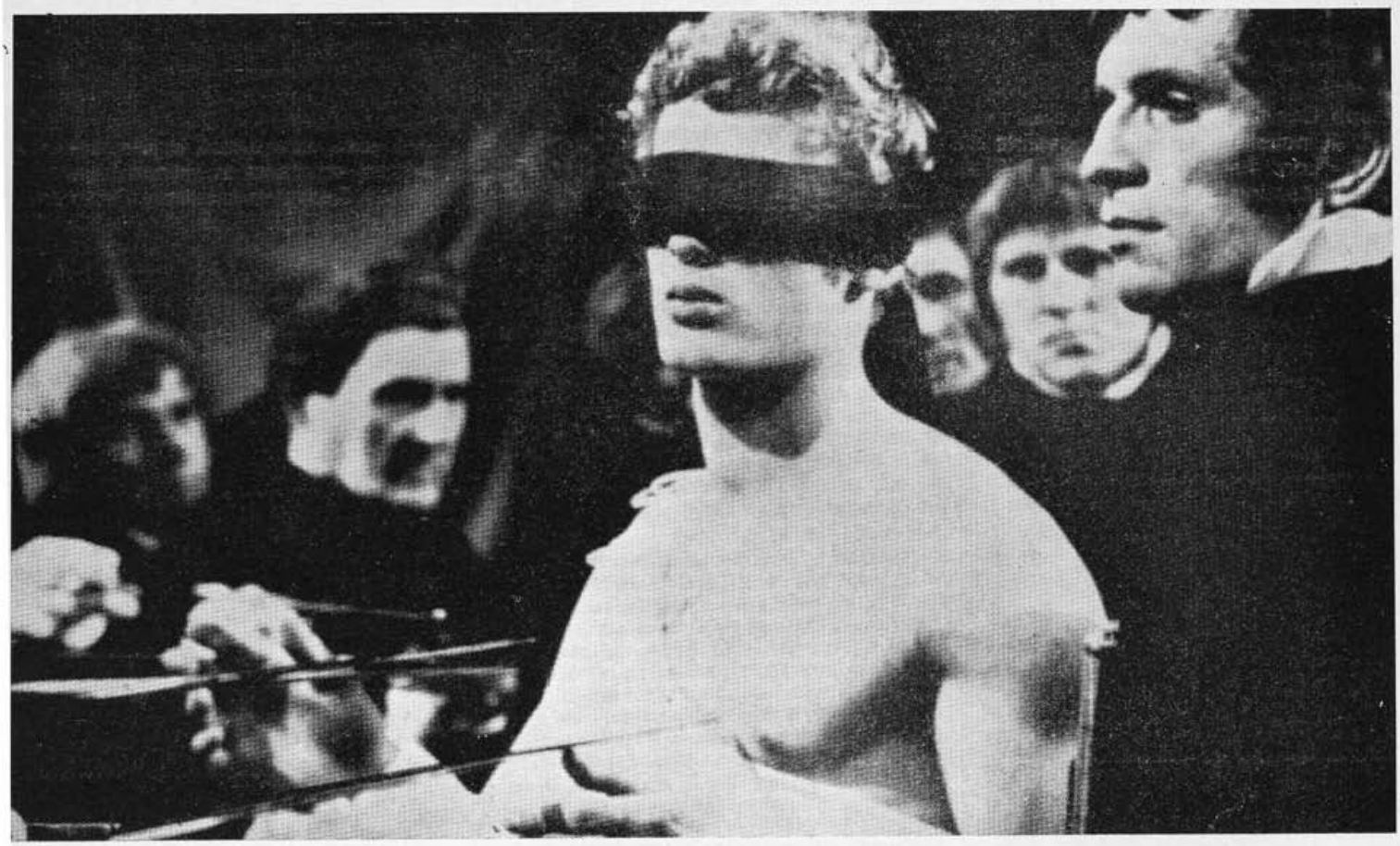
4

Wajda

"POPIÓL"

Andrzej Wajda apresentou em Cannes-66 um super-espetáculo histórico, **Popiól** (Cinzas) — não confundir com outro filme de Wajda, **Popiól i Diament** (Cinzas e Diamantes), de 1958 — que, dentro da política dramática do moderno cinema polonês, enquadra a revisão histórica em um contexto dialético onde se defrontam e rivalizam os destinos e valôres individuais e da coletividade nacional. É uma versão do livro célebre de Stefan Zeromski, e exemplifica — depois de **Manuscrito de Saragoça**, de Has, e **Pharaon**, de Kawalerowicz — a tendência da geração de Wajda para o filme de época, diluída já a tendência quase exclusiva para a reconstituição de guerra. «Nosso principal propósito — declara Wajda — foi encontrar a melhor construção cinematográfica possível, sem por isso trair o livro de Zeromski. Nunca havia feito nenhum filme semelhante — pela grandiosidade e pela duração — e me achei diante de duas possibilidades: optar por uma obra colossal, espetacular, ou por um filme normal. Como o cinema polonês ignora a noção de produtor, sendo essa função mais ou menos assumida pelo próprio diretor, que se beneficia paradoxalmente assim de uma liberdade de ação pràticamente sem limites, não havia ninguém que controlasse meu trabalho. Ora, «Cinzas» é um livro extremamente popular na Polônia, tão popular quanto o «Guerra e Paz», e minha intenção básica foi a de oferecer dêsse livro uma certa visão destinada aos jovens que não o leram. Quis que meu filme resumisse para êles, fazendo-os encontrar na imagem a essência da obra de Zeromski, tôda uma tradição literária, ideológica e artística especìficamente polonêsa. O livro se organiza a partir do destino paralelo de três heróis de classe e condição diversas: um jovem livre, um camponês, um aristocrata. O livro propõe então uma certa idéia de evolução da condição individual de cada um dêles para chegar a uma visão de conjunto que retrata a nação polonêsa em sua totalidade. No livro como no filme o destino dêsses heróis não é conjugado, tudo se passa diferentemente a cada um. A principal dificuldade — além de sermos forçados a ilustrar em quatro horas de projeção um romance de milhares de páginas que transcorre no espaço de 12 anos — deriva, no que se refere à arquitetura da fita, do fato de ser necessário passar de um a outro personagem quando começamos a nos interessar por um dêles».

Segundo Wajda, «a Polônia é um pequeno país que possui muito poucas obras literárias de valor, e, por outro lado, quase nenhum livro contemporâneo pode servir a uma cine-adaptação interessante. Na Polônia não existem roteiristas profissionais. Para nós é, portanto, muito difícil encontrar cenarios originais, e não podemos, por causa dos direitos autorais muito caros, adaptar obras estrangeiras, nem mesmo as de Joseph Conrad, embora fôsse polonês. É essa situação paradoxal que nos leva cada vez mais a rodar filmes históricos adaptados de nosso patrimônio literário clássico. Pode parecer estranho que Has, Kawalerowicz e eu mesmo façamos hoje filmes históricos: na verdade, somos guiados pelo desejo permanente de estabelecer contato com o público do nosso país, e cremos nessa possibilidade através da nossa literatura clássica. Nossa geração sempre tratou, em seus filmes, de temas idênticos. Hoje, o tema da guerra nos parece esgotado, e nos voltamos para a história mais antiga na esperança de descobrir ali novos temas, novas formas e novos motivos de reflexão — eis porque filmei **Popiól.**» — **F. L.**



«Cinzas», literatura clássica inspira o cinema polonês